

LEITURA DIGITAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE TEXTOS EM SUPORTES ON-LINE

Elaine Vasquez Ferreira de Araujo (UNIGRANRIO)

elainevfaraujo@gmail.com

Márcio Luiz Corrêa Vilaça (UNIGRANRIO)

professorvilaca@gmail.com

RESUMO

A presença das tecnologias digitais e a prática de leitura mediada por diversos dispositivos têm influenciado na forma como as pessoas produzem e leem textos na atualidade. Reconhecendo a relevância de discussões neste campo, este trabalho tem como objetivo abordar especificidades de textos que circulam no contexto digital, além de discutir as competências linguísticas e habilidades que são necessárias ao leitor digital na atualidade, com o intuito de construir significado em diferentes formas textuais e no entrelaçamento de diferentes linguagens. Neste sentido, o presente artigo dialoga com autores e pesquisadores como Antônio Carlos Xavier, Charles Bazerman, Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias, Lucia Santaella, Luiz Antonio Marcuschi e Roxane Helena Rodrigues Rojo, apenas para ilustrar.

Palavras-chave: Internet. Competência linguística. Leitor digital. Tecnologias digitais.

1. Introdução

Os textos, sejam orais ou escritos, são onipresentes em nossa vida cotidiana. A todo tempo elaboramos bilhetes, enviamos mensagens no celular, escrevemos um convite de aniversário, lemos uma notícia de jornal, contamos um resumo de um filme que assistimos, fazemos uma lista de compras etc. Se tais práticas parecem tão rotineiras e amplamente reconhecidas e dominadas, no cenário atual, o fato de que muitas práticas discursivas ocorrem por meio das tecnologias digitais demanda atenção, reflexão e estudo. Afinal, não se trata apenas de deslocamento do lugar da interação, mas envolve um amplo e complexo conjunto de especificidades. Em outras palavras, podemos questionar até que ponto estamos preparados para participar de práticas discursivas digitais. O reconhecimento desta realidade salienta a relevância de discutir as questões que orientam este trabalho.

É possível afirmar que os textos que circulam no meio digital ainda são, de modo geral, fundamentalmente baseados na escrita, assim como os textos que circulam no meio impresso. No entanto, apesar da

escrita continuar essencial na Internet, neste meio empregam-se mais semioses que no meio impresso, até mesmo por conta da interface interativa da Internet, novos modos interacionais e as possibilidades dos novos suportes, bem como em resposta à cultura digital.

O objetivo do presente trabalho é abordar especificidades de textos que circulam no contexto digital, além de discutir as competências linguísticas e habilidades que são necessárias ao leitor digital na atualidade.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, pretendeu-se refletir a respeito das formas de leitura e escrita na Internet. Desta forma, discutimos como as tecnologias digitais promovem novos tipos de interação que exigem diferentes formas de produção de textos que, por sua vez, exigem diferentes habilidades de leitura e escrita. Não se trata, no entanto, de uma ruptura ou uma visão dicotômica oposicionista ou reducionista. Porém, é necessário reconhecer o caráter altamente dinâmico e acelerado da cultura digital, o que resulta em reconhecer que longe de “modelos” ou definições duradouras, estamos mais próximos de um campo variável e em constantes transformações.

Na primeira parte do trabalho é apresentada uma breve discussão sobre as especificidades dos textos que circulam no meio digital. Em seguida, são discutidos os aspectos fundamentais dos hipertextos digitais e dos gêneros textuais digitais. Por último, são apresentadas as competências linguísticas e habilidades que são necessárias ao leitor digital na atualidade, com o intuito de construir significado em diferentes formas textuais e no entrelaçamento de diferentes linguagens.

2. O texto na Internet

A proposta desta seção é apresentar de forma breve as especificidades de textos que circulam no contexto digital.

Segundo Luiz Antônio Marcuschi,

O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo. (MARCUSCHI, 2008, p. 72)

Vale lembrar que o significado do texto não está apenas no plano da superfície da língua (KOCH, 2002). Isto é, “produzir e entender textos

não é uma simples atividade de codificação e decodificação, mas um complexo processo de produção de sentido mediante atividades inferenciais” (MARCUSCHI, 2008, p. 99). O texto, portanto, deve ser entendido apenas como um agrupamento de palavras e frases. Também um texto não deve ser separado de seu contexto, portanto, não deve ser dissociado de sua historicidade e suas condições de produção.

Os textos, sejam orais ou escritos, são onipresentes em nossa vida cotidiana. A todo tempo contamos histórias, enviamos mensagens, escrevemos listas, resumimos filmes, preenchemos formulários, lemos jornais, outdoors, revistas, receitas de bolo, bulas de remédios, manuais de aparelhos etc. O tamanho do texto não é o mais importante, e sim a sua funcionalidade. “Um texto se dá pela complexa relação interativa entre a linguagem, a cultura e os sujeitos históricos que operam nesses contextos” (MARCUSCHI, 2008, p. 93), logo, um mesmo texto pode ter diversas interpretações, entretanto esses entendimentos são finitos e coerentes. Logo, a extensão discursiva de um texto não se mede pelo seu tamanho.

Na perspectiva de Koch (2002), os possíveis significados de um texto resultam da interação do sujeito com o próprio texto. Logo, no plano de leitura, a organização dos textos, os elementos linguísticos e o conhecimento do contexto de produção do texto são fundamentais para a construção de sentido. Uma leitura bem-sucedida envolve conhecimentos prévios e de mundo por parte do leitor; além disso, habilidades metacognitivas, inferências, deduções e suposições também fazem parte das habilidades básicas que devem ser desenvolvidas por um leitor de qualquer tipo e gênero de texto. (ZACHARIAS, 2016)

Apesar de não ser intenção deste trabalho aprofundar uma discussão a respeito de *texto x discurso*, é interessante destacar que Marcuschi (2008, p. 81) defende a ideia de que não se deve distinguir rigidamente o *texto* do *discurso*, pois há um “contínuo entre ambos com uma espécie de condicionamento mútuo” e são “aspectos complementares da atividade enunciativa”, entretanto, deve-se ter cautela para não confundir os dois termos como um só. A definição de *discurso* envolve muito mais o resultado social produzido pelo texto, ou seja, o discurso acontece por meio dos textos. (MARCUSCHI, 2010b)

Há amplo reconhecimento de que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm impactado nas práticas comunicativas e no processo de leitura e escrita na contemporaneidade. Como consequência, a presença cada vez maior das tecnologias digitais no dia a dia da sociedade

de deve ser levada em conta ao discutir as características de textos hipermidiáticos e multissemióticos e sua imensa variedade de recursos linguísticos.

É possível afirmar que os textos que circulam no meio digital não necessitam de um conceito próprio, pois, de modo geral, são fundamentalmente baseados na escrita, assim como os textos que circulam no meio impresso. Enquanto instrumentos com propósitos comunicativos, os textos que circulam na Internet seguem um conjunto de critérios de textualização. Além disso, articulam aspectos cognitivos e situam-se em um contexto sociointerativo.

Analisando de modo particular a produção de um texto digital, com frequência entram em cena fenômenos linguísticos e não linguísticos. Apesar da escrita continuar fundamental na Internet, neste meio empregam-se mais semioses que no meio impresso, até mesmo por conta da interface interativa da Internet (MARCUSCHI, 2010a). Como consequência, frequentemente nos meios digitais os textos apresentam linguagem verbal e não verbal. Apesar da linguagem escrita ainda estar presente em quase todos os textos *on-line*, é muito comum encontrarmos textos na Internet com imagens estáticas ou animadas, vídeos, sons, músicas, diferentes fontes, fotos, gráficos, ícones, *emoticons* etc. (MARCUSCHI, 2010a; XAVIER, 2010). Independentemente de a linguagem não verbal também estar presente no meio impresso, é no meio digital que o texto ganha interatividade.

Além disso, o texto que circula na Internet possui características próprias do seu espaço de circulação. Desta forma, se um texto circula em uma rede social digital, poderá apresentar características daquele ambiente, como uma linguagem mais informal, o uso do *internetês* e o uso de recursos linguísticos mais informais. Por outro lado, se o texto circula em um fórum acadêmico de uma universidade, a linguagem tende a ser mais formal, sem o uso de *internetês* e de acordo com o ambiente acadêmico.

Conforme a citação abaixo, o texto digital apresenta as peculiaridades organizacionais e funcionais do espaço de comunicação que na qual circula:

É necessário ter em mente que a mensagem que circula no meio digital precisa ser adequada, levando em consideração questões de conteúdo, extensão, formalidade e forma. Além disso, devemos ainda considerar a forma de transmissão (influenciada pela velocidade da conexão à internet, por exemplo), a forma de tela (celulares, *tablets*, computadores...), as características dos

dispositivos, limitações de *softwares*, sem apresentar uma lista extensiva. (VILAÇA; ARAUJO, 2016, p. 145)

No meio *on-line*, há textos construídos de forma linear e há textos construídos com conexões com outros textos. Os textos que trazem referências a outros textos ou a outras partes do próprio texto são chamados de *hipertextos*, assunto da próxima seção.

3. *Hipertextos digitais*

De acordo com Santaella (2008), a ideia da organização hipertextual surgiu na década de 30, na Fundação do Instituto Internacional de Bibliografia em Bruxelas. Porém, apenas na década de 80, com o início da popularização das TICs, o hipertexto começou a circular também no meio digital e ganhou interatividade (CAVALCANTE, 2010). Neste caso, vale destacar que apenas a partir da década de 90 surgiram estudos linguísticos a respeito dos hipertextos *on-line*.

O hipertexto é tradicionalmente definido ou caracterizado pela falta de linearidade da leitura, isto é, a leitura não necessariamente linear de um texto (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009; MARCUSCHI, 2001; SANTAELLA, 2008; XAVIER, 2010). Nessa perspectiva, Lemos (2013) defende a ideia de que o hipertexto pode ser *on-line*, quanto está disponível na Internet, ou *off-line*, quando o texto está em um disco de armazenamento. Inicialmente os hipertextos digitais eram armazenados exclusivamente em discos de armazenamento, posteriormente, com a difusão da Internet, os hipertextos passaram a ser armazenados na rede mundial de computadores, portanto, podem ser acessados de qualquer lugar do mundo e a qualquer hora.

Tanto no hipertexto *on-line* como no “hipertexto *off-line*”, há informações textuais que podem ou não ser vinculadas a artefatos multimodais, organizadas de forma a promover uma navegação entre os blocos de textos por meio dos *links* (ou *hyperlinks*), de forma não linear. São justamente estes *links* que trazem a interatividade para o hipertexto. Nesses termos, ao acessar os *links*, os sujeitos podem seguir diferentes trilhas de leitura, pois são os meios de conexões entre um bloco de texto e outro (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009). De acordo com Barton e Lee (2015), os *links* são “vínculos intertextuais entre múltiplas páginas multimodais”, ou seja, são os elementos que usamos (clicamos) para acessar outros blocos de textos.

Como o leitor de um hipertexto tem o total poder para definir o seu caminho de navegação e a ordem de leitura de um texto, o meio digital é um ambiente convidativo para o leitor produzir diferentes associações e diferentes caminhos de leitura, seja pela facilidade de navegação, seja pela rapidez, seja pelos elementos dinâmicos ou pela facilidade de acesso.

Tendo em vista os aspectos apresentados a respeito da leitura e da escrita no contexto digital, Zacharias (2016) comenta que a hipertextualidade dos textos disponibilizados na Internet favorece a possibilidade de uma leitura fragmentada e descontínua, devido a multiplicidade de textos, elementos dinâmicos e *links*.

Além disso, é essencial ressaltar que nem todos os textos disponíveis no ambiente digital são hipertextos. Há muitos textos na rede mundial que são produzidos e publicados de forma “analógica”, ou seja, muitos textos são construídos de forma linear e sem conexões diretas com outros textos. Em outras palavras, alguns textos podem ser publicados em ambientes digitais, mas seguem padrões e características de textos analógicos tradicionais. Logo, não é o local da publicação, nem a tecnologia de produção ou acesso que garantem que um texto seja hipertexto. Ou seja, não é o formato digital que atribui diretamente o caráter de hipertexto a um texto. No entanto, é possível encontrar algumas falas e publicações que acabam, equivocadamente, chamando de hipertexto qualquer texto *online*, produzido por *softwares* ou ferramentas digitais.

Cabe acrescentar também que, assim como lembram Koch (2007), Lemos (2013) e Santaella (2008), o hipertexto não é uma ideia exclusiva do ambiente digital. A leitura feita por meio de interconexões pode ser realizada também no meio impresso. Assim, reconhecemos que há *hipertextos digitais* e *hipertextos analógicos ou impressos*, reforçando a posição apontada acima de que não é tecnologia que distingue um texto de um hipertexto, mas características textuais, interacionais e interativas.

Para ilustrar brevemente o que foi apontado, a leitura de um dicionário ou de uma enciclopédia não é realizada de forma linear, mas sim por meio de estratégias de busca e leitura. Também Xavier (2010, p. 213) comenta sobre “as notas de rodapé, índices remissivos, sumários e divisão em capítulos encontrados nos livros tradicionais também oferecem ao leitor caminhos alternativos a serem trilhados”. Além disso, há jornais e revistas no meio impresso que separam suas notícias em blocos de textos, permitindo uma maior independência e liberdade durante a leitura. Nesta

perspectiva, os artefatos que transformam um texto em um texto multimodal também podem estar presentes em diversos materiais de editoriais impressos, porém, cabe destacar que estas questões foram popularizadas e são mais intensificadas na Internet.

Dentre as maiores diferenças entre o hipertexto digital e o hipertexto impresso, destacam-se a flexibilidade e a rapidez de acesso às informações no ambiente digital. Enquanto no hipertexto impresso é preciso recorrer a outros livros ou materiais para buscar referências, no hipertexto digital este processo é feito por meio dos *links* em tempo real, ou seja, é possível buscar e acessar informações de diferentes lugares do mundo por meio de um clique do mouse, não importando o horário ou o local de acesso (LEMOS, 2013). A transitoriedade do texto publicado no meio digital também merece destaque, pois enquanto o texto impresso é fixo, o texto digital pode ser alterado a qualquer momento. (SANTAELLA, 2008)

Como consequência, o hipertexto impresso não consegue ter a mesma interatividade e dinamismo que o hipertexto digital. Apesar do texto impresso poder apresentar também a linguagem escrita integrada com a linguagem visual, não consegue retratar a mesma interatividade de um texto publicado no meio digital, que pode integrar a linguagem escrita com sons, imagens animadas, vídeos, *links* para outros textos etc. Conforme cita Xavier (2010, p. 210), o hipertexto “viabiliza multidimensionalmente a compreensão do leitor pela exploração superlativa de informações, muitas delas inacessíveis sem os recursos da hipermídia”.

Em vista dos argumentos apresentados, podemos concluir que o hipertexto exige do seu leitor muito mais que a leitura da linguagem escrita. Para lidar com os textos que circulam no contexto digital na atualidade, é necessário que esse leitor desenvolva competências e habilidades para ser capaz de construir significado em textos elaborados por meio de diferentes linguagens e recursos linguísticos.

A seção seguinte apresenta uma análise a respeito dos gêneros textuais que emergiram e estão emergindo nos espaços de escrita *on-line*. Apesar de serem similares aos gêneros textuais e orais já conhecidos, os gêneros textuais digitais possuem características próprias provenientes das interfaces dos ambientes virtuais.

4. Gêneros textuais digitais

Se inicialmente os estudos dos gêneros textuais se davam predominantemente no plano da literatura, na atualidade os estudos estão voltados para as formas culturais e cognitivas da ação social. De acordo com Bawarshi e Reiff (2013), os gêneros hoje são compreendidos como eventos sociais com propósitos comunicativos. Logo, conforme nos elucidam Bazerman (2011, p. 67), o gênero está sempre inserido em um contexto sócio histórico e “a teoria e pesquisas sobre gênero nos ajudam a identificar os espaços sociais inventados que medeiam a comunicação”.

Nas palavras de Bawarshi e Reiff (2013, p. 65), o gênero textual envolve “comunicar algo a alguém, em algum momento, em algum contexto e para algum propósito”. Os autores referem-se ao gênero textual como formas de vida enquadradas em uma ação social. Isto é, os gêneros textuais moldam as nossas ações comunicativas e nossos modos de ser. Afinal, “todas as nossas falas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas em um gênero de discurso (...)” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 16).

É impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. (...) Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. (MARCUSCHI, 2008, p. 154)

Recorremos a Marcuschi (2008) para desdobrar a ideia de que o estudo sobre os gêneros textuais, apesar de não ser algo novo, foram largamente ampliados nos últimos anos. Araújo e Vilaça (2017) apontam que esta popularização de pesquisas sobre os gêneros textuais se deve, em parte, ao fato dos gêneros começarem a fazer parte de forma mais plena dos currículos escolares e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Estudiosos de diferentes áreas têm se interessado pelos estudos dos gêneros textuais na atualidade, como linguistas, especialistas em línguas estrangeiras, teóricos da literatura, sociólogos, tradutores etc. E, como consequência, segundo Marcuschi (2008), o estudo dos gêneros textuais é cada vez mais interdisciplinar, pois se deve levar em consideração questões linguísticas sociais e culturais.

Bazerman (2011) comenta que interagimos com os gêneros textuais todo o tempo e que não encontramos muitos problemas para reconhecer suas formas textuais típicas ou para identificar ou entender os gêneros textuais, mesmo quando eles aparecem pela primeira vez. Além disso, os

gêneros que circulam com popularidade hoje na sociedade não necessariamente são os mesmos gêneros textuais que circularam há 20 anos, por exemplo. No entendimento do autor, de tempos em tempos alguns gêneros deixam de ser tão utilizados e outros gêneros ganham mais importância nas ações comunicativas. Na verdade, o autor defende a ideia de que todos os gêneros são extensões de outros gêneros que circulam ou já circularam na sociedade em algum momento, logo, um gênero textual é condicionado por outro gênero textual, levando em conta a realidade sócio histórica.

(...) cada pessoa, através da comunicação por gênero, aprende mais sobre as suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo que está se comunicando. Cada pessoa também se torna apta a participar com êxito e fazer contribuições individuais dentro dos espaços discursivos relevantes. (BAZERMAN, 2011, p. 114)

Assim, quando lemos um jornal, quando postamos no *Facebook*, quando lemos um *outdoor*, quando participamos de um debate ou até mesmo quando usamos uma receita de bolo estamos lidando com gêneros textuais. Conforme discutimos em trabalho anterior: “Os gêneros textuais estão conectados às práticas sociais, possibilitando a organização social e a comunicação dentro da sociedade” (ARAÚJO; VILAÇA, 2017, p. 88) e, portanto, fazem parte do nosso dia a dia.

Schneuwly; Dolz e Noverraz (2010) explicam que, durante a comunicação, não escrevemos ou falamos sempre da mesma maneira, pois nos adaptamos à situação. Sendo assim, ao redigir uma *carta*, ao escrever um *conto* ou até mesmo ao fazer um *debate*, nos comunicamos de formas diferentes pois estamos em condições diferentes. Entretanto, pode-se observar que textos com propósitos semelhantes, em contextos semelhantes, costumam apresentar regularidades. São essas regularidades que são definidas pelos autores como *gêneros textuais* (SCHNEUWLY; DOLZ; NOVERRAZ, 2010, p. 83). Similarmente, Abreu-Tardelli (2010) afirma que o gênero textual possui características, estruturas e estilos próprios para cada situação social.

Em consonância com esta linha de pensamento, Marcuschi (2008), Koch e Elias (2009; 2010) explicam que há diversos textos semelhantes em situações semelhantes, portanto, já possuem um modelo socialmente constituído, como a *monografia*, a *carta*, o *debate*, a *conferência* etc. Textos com características e objetivos semelhantes geralmente circulam em esferas semelhantes, como a esfera acadêmica, a esfera jornalística, a esfera religiosa, a esfera literária, a esfera jurídica etc. (ROJO;

BARBOSA, 2015). Sendo assim, apesar de muitos textos que circulam cotidianamente possuírem estruturas semelhantes, como bem observam Koch e Elias (2009), é o propósito do texto que define o seu gênero textual e a sua esfera de circulação.

Abordando estudos anteriores, Lajolo e Zilberman (2009) recordam que a evolução da escrita acompanhou a evolução e multiplicação de seus suportes. Neste mundo textualmente mediado, os textos estão sempre situados em um suporte. E por serem artefatos culturais, Marcuschi (2010b) defende que é impossível contabilizar os gêneros textuais na atualidade. Os gêneros textuais são construídos historicamente pelos indivíduos, seja na madeira, na argila, na pedra, no pergaminho, no papel ou nas telas do computador. A escrita acompanhou e acompanha esses suportes que favorecem uma infinidade de formas textuais. Como conclusão, é possível afirmar que, de certa forma, a escrita muda através do tempo (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009. p. 29), até porque, na análise de Barreto (2002), o suporte que materializa o texto transforma, de certa forma, a leitura.

Já Marcuschi (2008, p. 174) declara que a discussão a respeito dos suportes ainda é uma discussão em andamento e, portanto, é possível encontrar diversas teorias a respeito do tema. Apesar de ser uma questão complexa, o autor ressalta que é possível afirmar que o suporte “não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele”. O suporte de gênero textual pode ser físico ou virtual e, resumidamente, é um lugar de formato específico que serve para fixar e mostrar o gênero. O suporte é essencial para que o gênero textual circule na sociedade, porém não se pode afirmar que o suporte determina o gênero textual.

Dentre os suportes de gêneros mais comuns estão os jornais, as revistas, os livros, os livros didáticos, os encartes... Nem toda escrita, porém, está situada em páginas de papel, como acontece na televisão, no rádio, no *outdoor*, nas embalagens etc. E até mesmo em meios casuais, como nas paredes, nas roupas, nas janelas de ônibus, nos muros e no próprio corpo humano, por meio das tatuagens. (MARCUSCHI, 2008)

Ao ressaltar que por meio das tecnologias digitais têm emergido diversos gêneros textuais, Marcuschi, em alguns de seus estudos, nomeia esses gêneros que circulam no meio digital de *gêneros emergentes*. Entretanto, na atualidade, não é mais comum vermos trabalhos acadêmicos tratando estes gêneros como emergentes, afinal, não são mais tão emergentes assim. Hoje, na produção acadêmica estes gêneros são mais cha-

mados de “gêneros digitais”, “gêneros discursivos digitais”, “gêneros virtuais”, “discursos eletrônicos” ou, como é adotado neste trabalho, “gêneros textuais digitais”.

Com diferentes pontos de vista, o estudo das práticas discursivas ambientadas no meio digital realizado por Araújo (2016) aponta que ao passar do meio impresso ou oral para o meio digital, os textos adquirem características próprias do ambiente *on-line*, como a multimodalidade. Entretanto, o autor alega que estas alterações não são suficientes para chamar estes gêneros textuais de “novos gêneros”. Para o estudioso, a maioria dos gêneros textuais que circulam na Internet são gêneros textuais que já existiam antes na cultura do impresso e passaram para o suporte digital, portanto receberam atributos deste suporte e foram reelaborados.

Considerando a escrita multimodal, os gêneros textuais que residem na mídia virtual apresentam peculiaridades formais próprias, apesar de possuírem muita relação com os gêneros da oralidade e do impresso (MARCUSCHI, 2008). Na visão de Marcuschi (2008), é quase impossível quantificar ou classificar todos os gêneros textuais que circulam no meio digital. Barton e Lee (2015) ainda acrescentam que é comum no meio digital a presença de gêneros híbridos, ou seja, textos que apresentam características que remetem a mais de um gênero textual, seja pelo seu formato ou pelo seu propósito.

Marcuschi (2008) lista alguns gêneros textuais digitais que considera os mais conhecidos e mais estudados: o *e-mail*, o *chat* e suas variações, a entrevista com convidado, a aula *chat*, a *videoconferência*, a *lista de discussão*, *blogs* e o endereço eletrônico. O autor enfatiza que estes são apenas alguns dos gêneros que circulam nas redes, pois é quase impossível fazer um levantamento exato da quantidade de gêneros textuais digitais.

Apenas a título de informação, seguem algumas características de gêneros textuais digitais apontadas por Marcuschi (2010a) em seus estudos: o *e-mail* se refere ao correio eletrônico, uma espécie de carta virtual; os *chats* são conversas espontâneas síncronas que revelam com frequência traços de oralidade, já que se assemelham com as interações face a face; o fórum permite visualizar a construção de uma conversação de forma assíncrona; os *blogs*, inicialmente criados para funcionar como diários virtuais, hoje servem mais de suporte para os mais variados gêneros textuais. Ainda segundo as considerações apontadas por Marcuschi

(2010a), delimitar e definir os gêneros textuais digitais oferecem um grande risco, já que o rápido avanço das tecnologias pode invalidar os aspectos estabelecidos.

Em todos os gêneros textuais no domínio da mídia virtual prevalece, sobretudo, a linguagem escrita. “A Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita” (MARCUSCHI, 2010a, p. 22). Entretanto, o suporte digital expande as possibilidades de combinações de semioses, portanto, dependendo da esfera de circulação na rede mundial, a linguagem pode ser mais informal ou não, e pode ser repleta de recursos multissemióticos e multimodais. (MARCUSCHI, 2008)

A identificação dos gêneros textuais, seja no meio digital ou não, apenas por suas características regulares pode nos dar uma visão incompleta e errônea sobre o gênero. Bazerman (2011) alega que os gêneros não são atemporais e iguais o tempo todo, mas são fatos sociais e o centro da comunicação da vida social. Similarmente, Marcuschi (2008) alerta que os gêneros textuais não possuem estruturas rígidas e, portanto, não são modelos estanques. Além disso, nem todos os gêneros textuais são “puros”, isto é, nem todos os textos podem ser enquadrados em um único gênero textual. Inegavelmente, as tecnologias digitais ampliam as possibilidades de gêneros textuais híbridos. (ARAUJO; VILAÇA, 2017)

Neste cenário, Marcuschi (2008) enfatiza que há muitos gêneros textuais na Internet que são transfigurações de gêneros já existentes. Desta forma, ao estudar os gêneros textuais digitais, é importante levar em conta a novidade presente na prática social realizada por meio da escrita e da tecnologia, e não apenas a estrutura do gênero ou a natureza da linguagem. Também definir os gêneros textuais apenas a partir das suas características textuais ignora o fato do papel do leitor e do autor na construção de sentidos (BAZERMAN, 2011). Isto é, se o conhecimento de mundo muda com o tempo e varia de pessoa para pessoa, a identificação dos gêneros textuais deve estar atrelada ao tempo, ao uso criativo da comunicação e a percepção e compreensão dos indivíduos.

Ao identificar um gênero, portanto, deve-se partir do contexto de circulação daquele gênero, para depois analisar as características do texto (BAZERMAN, 2006). Os estudos dos gêneros vão muito além de sua forma textual. Logo, não há como ensinar gênero textual partindo de textos “soltos” e “artificiais”. Aprender gêneros textuais tem a ver com aprender a pensar e agir em diferentes relações sociais e, para reconhecer

as diversas situações recorrentes de uso textuais, os gêneros não podem ser abstraídos de seus contextos (BAWARSHI; REIFF, 2013; BAZERMAN, 2006). Neste cenário, ao aprender gêneros textuais como modo de agir, Bazerman (2011) alega que os estudantes poderiam compreender e se engajar mais em práticas sociais e ações na sociedade.

Considerando estas transformações que as formas textuais sofrem ao passar para a tela do computador, para compreender e se engajar mais em práticas sociais e ações na sociedade, é importante destacar novas competências exigidas ao leitor contemporâneo. Na próxima seção, são discutidas a experiência de navegação e as habilidades necessárias ao leitor digital.

5. Leitura digital

A escrita e a leitura são atividades cada vez mais importantes na vida contemporânea e saber ler e escrever criticamente também no contexto digital passou a ser uma competência necessária para se inserir neste mundo grafocêntrico e para o exercício da cidadania.

O número de pessoas alfabetizadas é crescente. No entanto, considerando que os textos fazem parte da vida cotidiana, seja na educação, no trabalho ou no ambiente familiar, em uma abordagem sociocultural da linguagem escrita, mais que alfabetizados, são necessários bons leitores que sejam capazes de ler e construir sentido em textos em qualquer suporte ou dispositivo, evitando ficar à margem de participações sociais em um mundo contemporâneo. (XAVIER, 2010)

A leitura na Internet depende muito da habilidade do leitor em navegar pelos textos digitais. O hipertexto, por exemplo, como já discutido neste trabalho, não possui ordem hierárquica fixa de leitura, ou seja, não há estrutura rígida de começo, meio e fim. Por meio dos *links*, é possível que diferentes leitores encontrem caminhos diferenciados de leitura em um mesmo hipertexto, afinal, podem definir diferentes percursos e estratégias para a construção do sentido em uma mesma leitura, além de escolher temas distintos para leituras paralelas. Logo, por meio dos *links*, o leitor pode organizar a sua leitura, formulando um percurso só seu. De acordo com Santaella (2008, p. 67), a *navegação* é justamente a leitura de um texto digital por meio de *links* e diferentes caminhos de leitura.

Ao discutir a leitura e a navegação na Internet em suas pesquisas, Coscarelli (2016, p. 64) constata que estas duas ações são diferentes e,

portanto, possuem estratégias e habilidades particulares. Enquanto a ação de navegar na Internet envolve a utilização dos *links*, usar os mecanismos de busca, selecionar textos dentre outros movimentos feitos no meio virtual; a leitura geralmente ocorre em uma situação comunicativa, ou seja, há um autor, um leitor, um texto, um contexto e objetivo(s) de leitura. Entretanto, a autora enfatiza que “navegar envolve muitas habilidades semelhantes à leitura” (COSCARELLI, 2016, p. 76), pois a navegação faz parte do processo de leitura *on-line*. Desta forma, conclui-se que saber ler *on-line* eficientemente inclui o desenvolvimento e o entrelaçamento de habilidades e estratégias de leitura e navegação.

Como discutido até aqui, a ampliação dos usos das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) abriu possibilidades para novas formas de produção escrita e acesso à leitura. As tecnologias, na visão de Moreira e Kramer (2007), atuam na democratização da informação e na circulação de ideias. Para os autores, por meio dos textos disponíveis em ambiente digitais, há um crescente número de leitores e autores. Nesses termos, Rojo (2013) acrescenta que os textos digitais trouxeram grandes mudanças na relação entre o leitor e o autor. Inclusive Braga (2010) alerta que, no cenário atual, o autor tem menos controle sobre o seu texto disponibilizado *on-line* que o leitor, pois não há como o autor prever o sentido e o percurso de leitura que o leitor dará para a sua construção textual.

Como consequência desta liberdade de leitura, o leitor em contexto digital ocupa uma nova posição em relação ao texto lido, criando a sua própria versão de leitura (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009). Essa possibilidade de organizar a leitura de acordo com os interesses e as motivações do leitor, o permite definir os caminhos e “recortes” a serem lidos. O leitor digital passa a ser também uma espécie de autor da sua própria leitura. Entretanto, devido a esta falta de linearidade, o leitor precisa ter certos cuidados ao ler textos *on-line*, pois precisa de uma maior noção de coerência e de progressão textual, além de ter sempre em mente seus objetivos de leitura, evitando assim se “perder” entre vários “cliques” e “janelas” abertas (MARCUSCHI, 2001). Neste contexto, Lucia Santaella (2008) alega que a falta de conhecimento prévio sobre o assunto lido e a falta de estratégias para acessar às informações por meio dos *links* são os principais motivos para que a leitura do hipertexto se torne desorientada. Ao lidar com textos nas mídias digitais e escolher caminhos mais convenientes para as suas leituras, o leitor reconfigura o seu papel.

Considerando a integração e combinação das diversas linguagens

dos textos que circulam na Internet, um mesmo texto pode não resultar em diferentes leituras e significados, mas ter o seu entendimento construído por diferentes percursos e estratégias. Textos com diversas semioses podem ser complexos, possibilitando um número ainda maior de diferentes interpretações. Um único texto pode apresentar por exemplo, além de palavras, imagens, gráficos, diferentes fontes e *layouts*, *emoticons* etc. Se por um lado o uso de alguns elementos no texto pode facilitar a sua leitura, por outro lado alguns elementos podem comprometer o entendimento da informação. A compreensão do texto dependerá da capacidade de comparar, inferir, relacionar e analisar do leitor. Desta forma, as experiências do leitor em ler não apenas a palavra escrita, mas a combinação de diversas linguagens, são essenciais para a sua interpretação e compreensão de textos na Internet. (XAVIER, 2010)

Por tudo isso, o leitor digital precisa ter sempre em mente que os recursos linguísticos utilizados no texto podem influenciar e muito no seu significado. A leitura de textos digitais exige o desenvolvimento de competência linguística para lidar com as especificidades da escrita e da leitura na internet. São necessários conhecimentos específicos para a compreensão da integração de elementos multissemióticos aos textos, pois a leitura não pode estar ligada apenas ao entendimento da linguagem escrita, mas na construção de significado do texto como um todo. Sendo assim, é fundamental “interpretar, compreender e significar elementos verbais e não verbais característicos dos textos e mídias”. (ZACHARIAS, 2016, p. 17)

Considerando as habilidades necessárias ao leitor *on-line*, Santaella (2004) descreve em seus estudos três tipos de leitores digitais. Ao levar em conta o estilo de navegação dos leitores, a autora os categoriza como *leitores errantes*, *leitores detetives* e *leitores previdentes*. O *leitor errante* é aquele que navega na internet de forma não objetiva, clicando de *link* em *link* de forma desorientada. Já o *leitor detetive*, segundo a autora, é aquele leitor que navega na Internet seguindo uma lógica de leitura e cada vez navega de forma mais experiente, pois vai aprendendo com os seus erros. O terceiro tipo de leitor digital é aquele leitor que navega na Internet de forma experiente e já consegue prever qual o melhor caminho a seguir na rede.

Também é interessante comentar que os espaços de escrita nos ambientes digitais possibilitam que as pessoas expressem suas opiniões e atitudes a respeito de diversas temáticas. Os leitores digitais criticam, analisam, opinam e julgam com frequência textos que circulam na Inter-

net.

A principal diferença então entre o leitor digital e o leitor de um material impresso está na dinamicidade. A leitura digital pode oferecer elevados níveis interatividade, fluidez, transitoriedade, velocidade e dinamismo. A facilidade de entrar em contato com outras pessoas, participar de construções colaborativas de textos, acessar informação de qualquer lugar do mundo etc. tornam o leitor digital mais ativo que qualquer outro leitor de qualquer outro ambiente. O leitor digital não apenas lê, mas organiza a ordem de sua leitura, compartilha, acessa, interage, opina, comenta, participa, “curte” etc.

6. Considerações finais

Este trabalho consistiu em discutir as competências linguísticas e habilidades que são necessárias ao leitor digital na atualidade, com o intuito de construir significado em diferentes formas textuais e na integração de diferentes linguagens.

As inovações tecnológicas estão presentes em quase todos os aspectos da vida, como no trabalho, na escola, nas relações sociais e nas atividades cotidianas. Pouco a pouco, as tecnologias digitais são integradas de formas mais nítidas e intensas ao dia a dia das pessoas e fazem partes das suas experiências de vida. Essas mudanças tecnológicas impactam na vida contemporânea em diversos aspectos, inclusive na linguagem e nas práticas comunicativas.

Considerando que as tecnologias digitais promovem novos tipos de interação e diferentes formas de produção de textos, conclui-se que são necessárias diferentes habilidades de leitura e escrita. Desta forma, além de saber utilizar o dispositivo tecnológico para acessar os textos digitais, o leitor precisa desenvolver habilidades para a compreensão de significados de textos de todo tipo e gênero. Tendo em vista o papel da tecnologia digital na sociedade contemporânea e as novas formas comunicativas, aprender a ler e a escrever no contexto digital inclui também saber buscar informação, interpretar, contrastar, selecionar, analisar, organizar ideias, dentre outras atividades complexas.

Ressaltamos que os textos impressos e os textos digitais não devem ser vistos como formas de manifestações discursivas em nítida oposição, ruptura ou afastamento demasiado, como se as características de um fossem distantes, contraditórias ou incompatíveis com as característi-

cas do outro. Embora seja possível, em muitos casos, apresentar características mais frequentes, intensas ou comuns neste ou naquele tipo de texto, devemos reconhecer que se trata de um conjunto bem mais complexo de fatores, que incluem os gêneros textuais, os princípios hipertextuais, os domínios discursivos, as possibilidades dos suportes, as finalidades comunicativas, as estratégias e os estilos discursivos... Assim, como não lemos e produzimos textos literários e científico da mesma forma, com os mesmos olhares, intenções, propósitos e estratégias, o mesmo devemos pensar sobre os textos impressos e digitais. Em muitos casos, as características de um em relação ao outro encontram-se em um *continuum* e não em condição de contraste objetivo.

Espera-se que este trabalho, ao colocar em foco as competências linguísticas necessárias para aos leitores digitais, possa colaborar e realimentar discussões a respeito dos estudos sobre as práticas discursivas por meio das tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU-TARDELLI, Lília Santos. O *Chat* educacional: o professor diante desse gênero emergente. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

ARAÚJO, Júlio César Rosa M. de. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: ___; LEFFA, José Vilson. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola, 2016.

ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de; VILAÇA, Márcio Luiz Correa. Gêneros textuais digitais, suporte ou serviço? In: VILAÇA, Márcio Luiz Correa; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de. (Orgs.) *Cultura digital, educação, linguagem e tecnologia*. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2017.

BARRETO, Raquel Goulart. *Formação de professores, tecnologias e linguagens*. São Paulo: Loyola, 2002.

BAZERMAN, Charles. The Writing of Social Organization and the Literature Situating of Cognition: Extending Goody's Social Implications of Writing. In: OSLON, David R., COLE, Michael. (Orgs.). *Technology, Literacy and the Evolution of Society: Implications of the Work of Jack Good*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum and Associates, 2006. p. 215-240

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2011.

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino*. São Paulo: Parábola, 2013.

BARTON, David; LEE, Carmen. *Linguagem on-line: textos e práticas digitais*. Trad.: Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola, 2015.

BRAGA, Denise Bértoli. A comunicação interativa em ambiente hiper-mídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. São Paulo: Cortez, 2010.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os *links* do hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. São Paulo: Cortez, 2010.

COSCARELLI, Carla Viana. Navegar e ler na rota do aprender. In: _____. *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola, 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Hipertexto e construção de sentido. *Alfa*. São Paulo: UNESP, vol. 51, n. 1, 2007.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____; _____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Das tábuas da lei à tela do computador: A leitura em seus discursos. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, vol. 4, n. 1, 2001.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Pau-

lo: Parábola, 2008.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: ____; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010a.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010b.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, educação e tecnologia. *Educação & Sociedade*. Campinas, vol. 28, n. 100, Especial, 2007, p. 103-157. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1928100.pdf>>.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. (Org.). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

_____; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês et al. (Org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 47-72

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 81-108

VILAÇA, Márcio Luiz Correa; ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de. Linguagem na era digital: reflexões sobre tecnologia, linguagem e comunicação. In: ____; _____. (Orgs.). *Tecnologia, sociedade e educação na era digital*. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2016. p. 127-155

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, Texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. São Paulo: Cortez, 2010.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana. *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola, 2016.